

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS E OFICINAS DE ALFABETIZAÇÃO

Marina Corrêa Vilela Leite¹, Renata da Silva Inácio², Suellen Rodrigues de Araújo Minicucci³

Orientador(es): Prof^a. MSc. Vera Lúcia Catoto Dias⁴, Prof^a. MSc. Anamaria da Silva Martin Gascón Oliveira⁵

1,2,3 Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Faculdade de Educação e Arte, FEA
Campus Aquáriu – Rua: Tertuliano Delphin Jr., 181, Jardim Aquáriu, CEP 12242-080 – SJC, SP.

4, 5 Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, IP&D
Núcleo de Pesquisa Formação de Educadores, NUPEFE
Avenida: Shishima Hifumi, 2911, Campus Urbanova, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP.

macovile@hotmail.com, inacio.renata@gmail.com, suellen.rodrigues@hotmail.com
vcatoto@univap.br, gascon@univap.br

Resumo - Este artigo é resultado de um convênio firmado entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, e a Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, (Edital Nº 018/2010/CAPES, Projeto Aprovado nº 2333/2010) como pesquisa investigativa na formação de professores para a educação básica. A pesquisa em educação do tipo estudo de caso etnográfico André (2005), foi desenvolvida pela observação participante em escola pública localizada na região do Vale do Paraíba, com crianças de seis anos no início do processo de alfabetização. O desenvolvimento de oficinas de alfabetização centrou-se na construção da linguagem oral e fase inicial da escrita, pelo estudo comparativo realizado em duas salas de primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos. Fundamenta-se em Ferreiro (1993); Lima (2003); Brasil (PCN, 2001) dentre outros que discutem o tema. Os resultados apontaram que as oficinas proporcionaram a transposição didática para a aquisição da linguagem oral e escrita da faixa etária, assim como contribuíram na formação de professores pela apropriação da cultura da escola pública.

Palavras-chave: Ensino Fundamental de nove anos, Alfabetização, Oficina, Professor alfabetizador
Área do Conhecimento: Humanas/Educação

Introdução

No Brasil a formação de professores para a educação básica tem sido tema central nas discussões sobre a qualidade da alfabetização nos anos iniciais de escolaridade.

Dentre as políticas públicas de incentivo a profissão docente tem-se o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, que teve seu início junto a Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP, em agosto de 2010. O PIBID é um programa do Ministério da Educação, gerenciado pela CAPES (Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cujo objetivo maior é o incentivo à formação de professores para a educação básica e a elevação da qualidade da escola pública.

No programa de iniciação à docência, os participantes são alunos dos cursos de Licenciatura que, inseridos no cotidiano de escolas da rede pública, planejam e participam de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, que buscam a superação de

problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.

O Projeto PIBID da instituição de ensino superior comunitária aprovado foi constituído por cinquenta e seis alunos dos cursos de licenciaturas da Faculdade de Educação e Artes (FEA) da Univap participantes como bolsistas de iniciação à docência, distribuídas em quatro áreas dos subprojetos: Ciências Biológicas – 19; Pedagogia – 20; Matemática – 10 e Física e 7, supervisores em cada programa nas respectivas escolas e 1 coordenador para cada subprojeto.

Os subprojetos têm como tema principal, Ciências Biológicas – Escola: um espaço para a construção do conhecimento através das plantas medicinais, Pedagogia – Pedagogia, com destaque para prática em classes de alfabetização, Matemática – A matemática no cotidiano, Física – Ensino de física contextualizado pela astronomia.

Este trabalho centra-se no subprojeto de Pedagogia, uma vez que a inserção da criança de seis anos no Ensino Fundamental de 9 anos como política pública em educação no início do ano

letivo de 2011, apresenta mais um desafio para a escola pública brasileira. Alfabetizar, pela primeira vez, alunos (as) aos seis anos de idade.

Segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), em suas orientações gerais para o Ensino Fundamental de nove anos, é essencial assegurar ao professor programas de formação continuada, privilegiando a especificidade do exercício docente em turmas que atendem a crianças de seis anos. A natureza do trabalho docente requer um continuado processo de formação dos sujeitos sociais historicamente envolvidos com a ação pedagógica, sendo indispensável o desenvolvimento de atitudes investigativas, de alternativas pedagógicas e metodológicas na busca de uma qualidade social da educação (MEC, 2004).

Essa é exatamente a linha seguida pelo PIBID.

A alfabetização de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental é tema de discussão desde a década de 1980 (BRASÍLIA, 2007).

Também segundo o MEC, o objetivo de um maior número de anos de ensino obrigatório é assegurar a todas as crianças um tempo mais longo de convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e, com isso, uma aprendizagem mais ampla.

A alfabetização tem como objetivo fazer com que a criança tenha o prazer de leitura e se expressar pela escrita (FERREIRO, 1993).

Segundo (LIMA, 2003), para a criança aprender a arte da leitura e da escrita, é importante que esteja inserida em uma cultura e em uma realidade que lhe ofereça oportunidades para que o aprendizado aconteça durante todo seu ciclo de desenvolvimento. Outro aspecto importante é que, ao contrário do aprendizado da fala de uma determinada língua, a leitura e a escrita não acontece de maneira espontânea, necessitando de ensinamentos e condições favoráveis para que tal aprendizado se concretize. É possível que toda criança aprenda a ler e a escrever, porém, não em qualquer situação.

A inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental provoca uma série de indagações sobre o que e como se deve ou não ensiná-las nas diferentes áreas do currículo.

O olhar sensível para as produções infantis permitira conhecer os interesses das crianças, os conhecimentos que estão sendo apropriados por elas, assim como os elementos culturais do grupo social em que estão imersas. A partir daí será possível desenvolver um trabalho pedagógico em que a criança esteja em foco. (BRASÍLIA, 2007.)

A oficina pedagógica como um recurso didático, possibilita ao professor um maior

conhecimento de seus alunos, seus interesses, experiências novas e prazerosas. É importante ressaltar que a prática de desenhos, cantos, gestos e histórias contadas fazem parte do processo de criação das condições para o aprendizado da leitura e da escrita, pois o aluno não é apenas uma cabeça que aprende, mas um corpo todo que se comunica. O processo de aprendizagem é construído aos poucos no ritmo de cada criança.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada na região do Vale do Paraíba, em duas salas de 1º ano, com crianças de seis anos, ingressantes no ensino fundamental de nove anos.

A metodologia centrou-se em comparativo de resultados na oficina de leitura aplica nas duas salas de 1º ano do Ensino Fundamental, denominadas sala A e sala B, os objetivos foram: a) recontar a história Infantil “Os três Porquinhos”; b) representação gráfica no papel do conteúdo da história infantil; c) a identificação oral dos personagens; d) caça-palavras; e) registro escrito pela elaboração de lista com os nomes dos personagens.

Resultados

A oficina foi desenvolvida na escola pública parceira do PIBID teve como eixo principal a oralidade, sendo assim, deu-se início com o contar de história infantil, com o clássico da literatura infantil Os Três Porquinhos, devido a história de faz-de-conta representar experiências da vida real e acabam trazendo à tona os desejos, as preocupações e os medos, desenvolvem também a linguagem e as habilidades sociais pois levam as crianças a negociar com os colegas as divisão de papéis.

Figura 1 – Contando história na sala B



Fonte: Acervo pessoal 2011

A partir desse momento foi estabelecido vínculo e interação com os alunos do 1º ano das salas A e B.

Após a história os alunos confeccionaram fantoches, que foram utilizados pelas crianças para recontar a história.

Figura 2 – Recontando a história com os fantoches



Fonte: Acervo pessoal

Ao continuar a proposta da oficina realizou-se roda de conversa onde os alunos descreveram e comentaram a história infantil.

Nesse momento foi solicitado pelas bolsistas que as crianças contassem a história aos seus pais e familiares.

Posteriormente foi desenvolvida, em sala com os alunos (as), uma atividade de artes e escrita. Eles deveriam desenhar os personagens e suas respectivas casas e nomeá-los. Assim foi desenvolvida uma prática onde a criança distinguiria a figura e a escrita.

A atividade constitui-se em instrumento para sondagem, observação de hipóteses de escrita em que a criança se encontra.

Figura 3 – Desenho e escrita dos alunos



Fonte: Acervo Pessoal 2011

Como finalização da oficina realizou-se, com os alunos, a atividade de caça palavras, explicitando-se as palavras chaves da história infantil, como: porquinho, lobo, palha, madeira, tijolo.

Figura 4 – Caça Palavras

L	P	A	R	T	R	E	S	N	U	M	T	J	G	P
F	A	B	I	G	L	P	F	E	L	O	B	O	T	S
Q	U	A	P	O	R	Q	U	I	N	H	O	S	E	M
P	A	L	H	A	T	G	Y	D	B	D	T	Q	A	S
I	F	D	T	I	S	K	M	M	A	D	E	I	R	A
D	A	C	E	K	F	T	I	J	O	L	O	M	A	B

Fonte: Acervo Material Pedagógico PIBID 2011

Discussão

A proposta de confecção de fantoche, após a leitura da história “Os três Porquinhos” foi aceita pelos alunos com muito entusiasmo, afirmaram que nunca tinham realizado tal atividade.

As professoras regentes das salas de aula A e B foram participativas, colaborando com as atividades e organização das salas, mantiveram-se abertas a propostas.

A Professora Coordenadora Pedagógica, PCP, da unidade escolar acompanhou o desenvolvimento da oficina o máximo possível nas atividades das duas salas.

Observamos diferenças entre o desenvolvimento das oficinas da sala A e B.

A sala A tinha um maior número de crianças (27), mas estava mais organizada, os alunos conseguiram se concentrar na atividade, conheciam a história “Os três porquinhos” o que incentivou o desenvolvimento da atividade de confecção de fantoches como também no caça-palavras.

Enquanto que na sala B, com um número menor de alunos (20), a sala não estava bem organizada devido à ausência da professora regente, pela sua localização física no meio do pátio da escola o que causava um barulho prejudicial às atividades, principalmente de leitura. Na atividade de confecção do fantoche a desorganização da sala refletiu nos resultados, bem como, na atividade de caça palavras onde as crianças não conseguiram identificar a proposta desta atividade.

Os resultados das oficinas de alfabetização da sala A e da sala B, foram diferentes, embora as duas salas apresentassem características similares, bem como provenientes do mesmo agrupamento no início do ano letivo de 2011.

Percebemos que o agrupamento social desenvolve identidade própria e diferenciada das demais salas de aula da unidade escolar.

Conclusão

A etapa de definição das oficinas e confecção das atividades foi importantíssima para que o sucesso da nossa participação como alunas PIBID fosse garantido.

Durante o desenvolvimento das oficinas, a participação de todos os envolvidos, alunas bolsistas, supervisoras PIBID, professoras regentes, e alunos foi de fundamental importância para que atingíssemos os objetivos da inclusão de crianças de seis anos nas salas de alfabetização.

O desenvolvimento da oficina de alfabetização na unidade escolar possibilitou a vivência de rotina didática fato que contribuiu na formação inicial.

O projeto PIBID proporcionou um primeiro contato com salas de alfabetização para crianças de seis anos de uma escola pública, a aproximação com o campo de atuação profissional como futuras professoras alfabetizadoras.

Referências

- ANDRÉ, M. Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional. Brasília/DF: Liber Livro Editora, 2005.

- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília/DF: MEC/SEB/SEE, 2ª edição, V1, 2001.

- _____, Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Gerais. Brasília/DF: MEC/SEB/DPE/COEF, 2004.

- _____, Ensino Fundamental de nove anos orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília/DF: MEC/SEB/DPE, 2ª edição 2007.

FERREIRO, EMILIA. Com todas as letras. Cortez Editora, Segunda Edição, São Paulo, 1993.

LIMA, ELVIRA SOUZA. Quando a Criança não aprende a ler e escrever. Guarulhos/SP, Editora Sobradinho 107, 2003.